

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Gabriela Usevicius Maia da Silva

**O ESPAÇO DO RISO  
NA SALA DE AULA**

Porto Alegre  
2. Semestre  
2008

**Gabriela Usevicius Maia da Silva**

**O ESPAÇO DO RISO  
NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador:  
Prof. Dr. Sergio Andrés Lulkin

Porto Alegre  
2. Semestre  
2008

*Para minha irmã Manuela, que é o motivo de muitos dos meus risos, e que tem um jeito que me faz rir como ninguém. Por toda ajuda, amor e carinho, por toda paciência e disposição. Vou sentir falta de vê-la entrando no meu quarto com o seu colchão.*

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... a Deus, que com toda graça do Espírito Santo e amor de Seu Filho me encheu e renovou, encorajando em cada passo desta etapa;

...aos meus pais, Osmar e Cátia, pelo apoio, carinho, amor e principalmente, por me ensinarem a trilhar os caminhos da vida. Amo vocês de todo o meu coração, vocês são os melhores;

... ao meu amor e noivo, Marcel, que é um sonho sendo realizado a cada dia em minha vida, sem ti eu não chegaria aqui. Obrigada pelo teu amor inesgotável e pelo teu carinho infindável;

...às minhas irmãs, Caroline e Manuela pelo seu apoio constante e fortalecimento quando mais precisei;

... às minhas amigas queridas, Débora, Natalie, Alessandra e Luciane, por todas as ajudas em todos momentos;

... à minha colega Priscila, que foi uma descoberta dentro do curso de Pedagogia, uma amiga, uma companheira de estudos, trabalhos e risadas;

...à Analice Dutra Pillar, que me ensinou e possibilitou que eu participasse como bolsista de Iniciação Científica em sua pesquisa.

...ao meu orientador deste trabalho, Sergio Lulkin, que abriu meu pensamento para compreender o riso de uma maneira mais sensível e prazerosa.

## RESUMO

DA SILVA, Gabriela Usevicius Maia. **O espaço do riso na sala de aula**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. N<sup>o</sup> p. Trabalho de Conclusão do Curso - Análise sobre a Prática Docente – 6 a 10 anos. (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Este trabalho tem como objetivo investigar os espaços do riso e do humor na sala de aula, em uma turma de 3<sup>a</sup> série de uma da escola rede Estadual de Porto Alegre, na qual realizei minha prática docente. Procuo, estimulada pela experiência como professora, entender o que as crianças pensam do riso na escola e como o humor acontece durante as aulas. Esta pesquisa está inserida no universo do humor e riso relacionados à educação, e possui uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico (Sarmiento, 2000). Para conhecer como o riso vem acontecendo na sala de aula, retornei à turma do estágio docente realizado no segundo semestre de 2007 e realizei observações, entrevistas com os alunos da turma, releitura de meu diário de classe, assim como do relatório da prática docente, relacionados com as leituras sobre o problema de pesquisa. O riso, como linguagem de comunicação, tem qualidade de aproximação e permite que se liberem idéias e expressões que o plano racional não permite. Desta forma há mais prazer e liberdade. Diversos autores abordam questões referentes ao humor (Arantes, 2007), às questões do riso (Lulkin, 2007 e 2008; Cardoso, 2000) e a relação entre eles (Justo, 2006). As crianças riem de diferentes situações durante as observações, o riso está presente na sala de aula, o que muda é se o professor faz uso da linguagem prática do humor ou não. As falas dos alunos demonstraram um juízo sobre o riso e a maioria delas coloca a escola como um lugar em que não é permitido rir.

Palavras-chave: Humor – Riso - Educação.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. DE ONDE SURTIU O ASSUNTO?.....</b>	<b>9</b>
1.1 “ <i>PROF, TU DEIXA A GENTE RIR!</i> ”.....	9
1.2 O RISO NA PRÁTICA DOCENTE.....	11
<b>2. COMO O TRABALHO FOI DESENVOLVIDO?.....</b>	<b>14</b>
2.1 OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	14
2.2 OS MEUS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	15
<b>3. POR ONDE CAMINHEI?.....</b>	<b>18</b>
3.1 O RISO: PARTE DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	18
3.2 OS RISOS.....	19
3.3 O RISO: SUAS MANIFESTAÇÕES NA LINGUAGEM DO HUMOR.....	20
3.4 O HUMOR E O RISO NO ESPAÇO DA SALA DE AULA.....	22
<b>4. PENSANDO NO ESPAÇO DO RISO NA SALA DE AULA.....</b>	<b>26</b>
4.1 AS CIRCUNSTÂNCIAS DO RISO.....	27
4.2 ATIVIDADES QUE DESENCADAIAM O RISO.....	31
4.3 O QUE AS CRIANÇAS FALAM SOBRE O RISO?.....	33
4.3.1 Quando eles riem.....	33
4.3.2 Quando eles riem através das atividades escolares.....	37
4.3.3 Quando eles não podem rir.....	39
4.4 O ESPAÇO ESCOLAR.....	40
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é requisito como aprovação de conclusão do curso de Pedagogia realizado no 8º semestre (2008/2), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É, portanto, um trabalho de conclusão de curso que é baseado em situações e reflexões do Estágio de Docência realizado no semestre anterior (2008/1). Ao longo do trabalho haverá momentos onde discorrerei a cerca de experiências vivenciadas em relação aos momentos de riso dentro da sala de aula e durante as aulas junto à turma de 3ª série, de uma escola da rede Estadual de Porto Alegre, na região norte da cidade.

Para direcionar o trabalho coloquei algumas questões como:

Onde está o riso dentro da sala de aula? O que os alunos pensam sobre ele? Pode-se rir dentro de uma sala de aula? Quando é que a gente pode rir? Do que as crianças riem? Qual a importância de se rir? Como o riso pode ocorrer num momento de aprendizagem, sendo ele provocado através de uma atividade proposta pelo professor?

No primeiro capítulo discorro acerca da contextualização do assunto, as justificativas, os objetivos que pretendo alcançar ao analisar o espaço do riso na sala de aula. Discorro também acerca de situações de riso em minha prática docente.

No segundo capítulo explico como a pesquisa se desenvolveu e quais foram os passos seguidos, como a apropriação e o levantamento teórico, a caracterização do estudo, a retomada de observações e reflexões registradas do estágio, o retorno à sala de aula na qual realizei a prática docente, as observações, entrevistas e a metodologia utilizada neste trabalho.

No terceiro capítulo, explico alguns referenciais teóricos utilizados como Alberti (1999), Bergson (2001), Justo (2006), Cardoso (2000), Lulkin (2007; 2008), Arantes (2006) e o que cada um desses autores fala sobre o riso, os tipos de riso e o humor na educação.

No quarto capítulo apresento algumas experiências do estágio que serão analisadas sob a perspectiva teórica, como também o trabalho de campo feito na escola, através de observações e entrevistas no retorno à turma.

No quinto e último capítulo, apresento as considerações a respeito do trabalho, as descobertas, as dúvidas geradas, o gosto que tive em fazê-lo e principalmente o que mais aprendi durante o processo, tentando responder às questões que o nortearam.

## 1. DE ONDE SURTIU O ASSUNTO?

### 1.1 “*PROF, TU DEIXA A GENTE RIR!*”

Desde o segundo semestre de 2007 venho trabalhando como bolsista de Iniciação Científica (CNPq-Ufrgs) na Faculdade de Educação. No projeto de trabalho da pesquisa estava estudando assuntos decorrentes do humor em um desenho animado, analisando o que as crianças achavam engraçado ou não e o porquê. Sendo assim, na mesma época em que lia a respeito do humor nos desenhos animados, estava no semestre de experiência docente (2008/1) e algumas situações me fizeram refletir sobre a temática. Até que me deparei com a tese de doutorado de Lulkin (2007) e um artigo publicado numa revista de educação em 2008. Ao ler trechos destes trabalhos busquei encontrar onde que estaria o riso, a expressão de rir, dentro da minha sala de aula. Comecei então a me preocupar com isso. Essa inquietação era diferente da que me ocupava na pesquisa, pois não era a análise das questões de humor presente na mídia, e sim o riso das crianças frente a situações de humor na sala de aula; era um desafio para eu observar os momentos de riso ali presentes.

Na biblioteca da escola em que realizava a prática docente, em um determinado dia, um aluno estava folheando um livro e ria muito porque achava algo engraçado das imagens que via e dos trechos que lia. A professora da biblioteca estava muito brava, pois aquele era um momento de leitura e o fato de o menino estar rindo naquele momento atrapalhava os outros colegas. Tive que retirar o aluno da biblioteca para conversar com ele. Neste instante surgiu uma dúvida do que deveria falar para ele, pois eu pensava que não poderia proibi-lo de rir ou achar algo engraçado, mas poderia mostrar para ele que há situações para isso. Expliquei, então, que ele poderia rir, mas deveria cuidar a altura de sua risada, como também o momento em que estava rindo. Naquela hora não era adequado rir e se ele achasse algo engraçado precisava rir baixinho. Porém, por que motivo a professora da biblioteca ficou tão brava? Se ela visse as imagens do livro, provavelmente se divertiria, assim como eu me diverti ao vê-

las, mas me contive, pois a postura não seria muito adequada. Essa situação me inquietou profundamente e percebi que existe uma questão ética a respeito do riso, uma censura e um cuidado.

Em outro dia ao subir para a sala de aula, aconteceu a situação mais forte para mim, que foi o estopím para o assunto do trabalho, pois um aluno veio em minha direção e disse: “*Prof, tu deixa a gente rir!*”. Aquilo me fez pensar profundamente: mas em algum momento o proibiram de rir?

Foi assim, então, que o tema “o espaço do riso na sala de aula” surgiu; achei um assunto adequado para meu Trabalho de Conclusão, já que eu queria descobrir e saber mais.

Vemos muitos risos no recreio, quando as crianças correm uma atrás das outras, brincando, se empurrando e jogando. É fácil ver o riso no recreio, mas será fácil ver o riso na sala de aula? O riso provocado pelo professor, em uma situação de “atividade escolar” parece ser contraditório?

O ato de rir não precisa ser uma expressão gritante, às vezes confundimos o riso com o sorriso; o sorriso aparece no olhar, sorrimos por dentro, mas o prazer de rir, com a boca, mostrando a expressão, é bem diferente. Tanto pra quem ri, como para quem assiste àquele riso.

O riso é algo muito comum que fazemos. Nós rimos, não apenas por manifestação de alegria. Segundo Cardoso (2002), a maior parte do nosso riso não tem nada a ver com o humor; rimos em situações cotidianas, em momentos de felicidade e prazer, ou ainda em situações nas quais se quer atenuar uma determinada tensão. O riso gera aproximação e cria uma maneira de facilitar o comportamento amigável das pessoas. Mais adiante a autora coloca que o riso tem uma função, como todos os elementos do nosso corpo; a função dele é a comunicação: através da atitude de rir, nos ligamos às pessoas, comunicando disposição para brincar, conversar, interagir, mostrando que estamos felizes com a presença de alguém e ainda que queremos fazê-la feliz.

Precisamos dos risos e das brincadeiras para interagirmos como indivíduos com o grupo social no qual nos inserimos, e também para aliviar as tensões sociais do cotidiano. O riso, as cócegas e as brincadeiras estão entrelaçados de formas bastante complexas e são uma das nossas primeiras experiências de vida (Cardoso, 2002 p.3).

Ao colocar essa situação, pensei bastante a respeito do papel do riso na minha sala de aula. Diversas vezes tive casos aonde os alunos vinham com cargas para a aula, com medos, com tristezas e choravam; o riso então seria um momento onde haveria a liberação desses sentimentos e um espaço onde seria permitido expressá-los. A interação que é gerada através do ato de rir e ainda o alívio de tensões que o riso proporciona, indicam que ele é um instrumento importante para o professor usufruir na sala de aula.

## 1.2 O RISO NA PRÁTICA DOCENTE

Por ter compreendido a forma de comunicação que o riso estabelecia, o estímulo que autorizava o prazer e a liberação de idéias, tive o cuidado de usar a linguagem do humor em minha prática docente através do uso prático dessa linguagem em atividades escolares. Relendo o meu diário de classe, no qual tenho anotações e reflexões de minha prática docente, pude perceber que fiz atividades nas quais o riso foi desencadeado e houve momentos de riso através da aprendizagem.

Um dos exemplos que posso citar seria o *Sarvalapo*, que é uma atividade de produção de texto, na qual as crianças devem escrever a respeito de um objeto ou qualquer coisa, descrevendo-o. Porém, no lugar de falar o nome do "objeto" eles colocam "Sarvalapo". As crianças fizeram esta atividade com muito empenho e, posteriormente, propus em várias aulas que essas atividades fossem lidas e os colegas adivinhassem a respeito do que o colega havia escrito. Na hora de lerem para seus colegas, ao mesmo tempo em que eles percebiam a construção da escrita do outro, para que pudessem saber sobre o que o colega escreveu, eles riam em determinados momentos, e como eu via que era algo da construção deles, e da liberação das idéias,

permitia tranquilamente. Lulkin (2007) ressalta que momentos assim possuem uma fala cômica que pode provocar o riso e ao mesmo tempo é acompanhada de um desafio intelectual.

A turma era uma 3ª série, com 29 alunos e, realmente, em muitas vezes eu percebia a necessidade que eles tinham de rir na sala de aula, ou de ter momentos em que o lúdico surgisse para que pudessem liberar a expressão do riso. Percebi que o ato de rir na minha turma poderia acontecer de uma forma construtiva: usei de charadinhas, adivinhações, diferentes tipos de jogos, música e artes, entre outras atividades. Nesses momentos eu pude perceber que os alunos tinham uma postura de rir, de se divertir ao mesmo tempo em que aprendiam, pois eles se concentravam mais, tinham uma postura de querer falar mais a respeito de seus descobrimentos, por isso a liberação de idéias, e mostravam, na maioria dos trabalhos, envolvimento e empenho.

Diversas vezes procurei fazer atividades onde os alunos pudessem assentar em roda, ou nas classes mesmos, devido ao espaço pequeno da sala. Tinha o objetivo de que pudessem falar sobre situações da vida cotidiana. Em uma das vezes trouxe para a turma questões como: “O que você faria se...” e cada criança tirava uma ficha de uma caixa e nela havia desenhado e escrito uma situação específica de dia a dia. Um exemplo seria : “se um colega soltasse um pum na sala de aula, o que você faria?”. Eles respondiam da sua maneira e riam, liberavam as idéias deles claramente. Ao mesmo tempo, eu intervinha dialogando a respeito de cada situação e, posteriormente fazíamos registros individuais ou coletivos. Esses momentos onde eles podiam liberar seus pensamento eram momentos onde o riso surgia como forma de partilhar e comunicar suas hipóteses.

A respeito do professor e de como o humor poderia se envolver na sala de aula, ou melhor, da importância desse acontecimento e da atitude daquele que o professa, deveria ser como coloca Lulkin (2007, p.34):

Dialogar com uma voz que não discorra apenas pelo caminho da seriedade, a gravidade, da punição e do sofrimento, mas também que se desloque e se afaste pelos caminhos possíveis da ironia, da derrisão, do contra-senso, que se traduzem, muitas vezes, como provocadores dos processos criativos e cognitivos.

Ocorre em muitas salas de aulas que os professores poucas vezes se divertem ou riem com seus alunos; é necessário o docente permitir que rompa com a lógica séria. Lulkin (2007) aponta que talvez o rigor seja uma dificuldade com a apreensão do que se passa nos momentos em sala de aula e da criação dos alunos, muitas vezes com um tom bem humorado. Mas há também um imperativo da seriedade, do cumprimento com um plano previamente autorizado, do rigor com os procedimentos e com o peso da avaliação, e isso é algo compreensível. Porém é importante não ir apenas pelo caminho da seriedade, já que ele não é o único existente.

## 2. COMO O TRABALHO FOI DESENVOLVIDO?

### 2.1 OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Este trabalho é uma pesquisa inserida no universo do humor e riso relacionados a educação e escola e possui uma abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa, conforme Bogdan e Biklen (1994 apud Lüdke e André, 1986, p. 11),

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo.

O meu ambiente natural é a sala de aula, da turma de 3ª série (T32) de um colégio Estadual da Zona Norte de Porto Alegre, onde permaneci por três meses dando aula e registrando minhas reflexões no diário de classe. Após um mês retornei para a mesma sala de aula, já conhecendo os alunos e a professora.

Minha pesquisa, portanto, aproxima-se de uma abordagem qualitativa pois tem como base o estudo e análise de dados coletados durante minha prática pedagógica e do retorno à mesma turma e coleta de mais informações a serem analisadas.

E ainda, segundo os mesmos autores (1982 apud, Lüdke e André, 1986 p. 13):

A pesquisa qualitativa (...) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

O trabalho também assume características de um estudo de caso que pode ser definido por Sarmiento (2000 apud, Merriam, 1988, p. 9) “como o exame de um fenômeno específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição, ou um grupo social.” No caso, meu grupo social é a sala de aula da turma de 3ª série.

E ainda, minha pesquisa, além de se aproximar de um estudo de caso, tem cunho etnográfico que demonstra diferentes momentos e práticas da cultura estudada, naquele lugar, sobre isso coloca:

Não obstante, a “marca de origem” revela-se frequentemente nos estudos de caso de inspiração etnográfica. Estes incidindo nos aspectos simbólicos e culturais da acção social, procuram usualmente introduzir na investigação a “realidade tridimensional” que resulta do reato vivido, visando apropriação dos aspectos existenciais que se revelam fundamentais na interpretação do modo de funcionamento das organizações e outros contextos singulares de acção. (Sarmiento, 2000 apud, Merriam, 1988, p. 9)

Neste trabalho, me valendo daquilo que já tinha experienciado na sala de aula e retornando a ela, busco investigar o lugar e o espaço do riso dentro da sala de aula, dentro da escola e o que os alunos pensam sobre isso. Para, então, posteriormente tornar à minha ação pedagógica, consciente de que não terei conclusões e resultados exatos para minhas questões e sabendo que no decorrer da caminhada da pesquisa as inquietações e paradigmas serão novos.

## 2.2 OS MEUS CAMINHOS PERCORRIDOS

De acordo com Lüdke e André (1986) há alguns caminhos percorridos dentro da fase de coleta e análise, sem existir um método específico que possa ser desenvolvido. O autor coloca que, geralmente, o pesquisador passar por três etapas em sua investigação.

A primeira etapa se refere à exploração, que revela a descoberta e a definição dos problemas de pesquisa junto com o estabelecimento do local, dos contatos para que o trabalho possa ser realizado. Nessa etapa inicial também estão as primeiras observações que possibilitam seleções de aspectos a serem investigados. Posso dizer que a primeira fase da minha pesquisa teve início na observação que fiz da turma em que iria realizar meu estágio docente no semestre passado, pois ali já havia

sistematizado informações. No começo do estágio, posterior às primeiras observações, usei instrumentos de exploração como a coleta de informações nos registros feitos todos os dias.

A segunda etapa é a de decisão e consiste numa busca mais sistemática das situações que o pesquisador selecionou como as mais importantes, para compreender e interpretar o fenômeno estudado. Esta etapa se deu nas primeiras situações que contei na introdução a respeito da vontade de pesquisar sobre o assunto do riso na sala de aula. A partir daí, as leituras já começaram a me fazer pensar, e a vontade de pesquisar mais a fundo sobre isso surgiu com intensidade. No início deste semestre de conclusão de curso, o assunto e algumas informações já estavam articuladas. Mais adiante, como retornei à sala de aula, realizei novas observações e anotações (anexo 1), complementadas de breves entrevistas (anexo 3) e, ambas, acompanhadas de leituras. Fiz também uma releitura de situações do meu diário de classe e do meu relatório da prática docente produzido no semestre anterior (2008/1), lembrando os momentos onde houve uso prático da linguagem do cômico e do riso e que tiveram relevância para a escrita do trabalho.

Cabe ressaltar que fiz sete entrevistas, com oito alunos, pois uma delas aconteceu em dupla. Segundo Lüdke e André (1986, p.33):

De início, é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica com o pesquisador e o pesquisado[...]

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para serem aproveitadas em seu conteúdo e assim fosse possível recolher informações que me permitissem analisar e refletir sobre a compreensão dos alunos do que significa o riso e onde ele se encontra na escola.

As questões preparadas (anexo 2) não seguiram uma ordem rígida, foram semi-estruturadas, pois eu tinha um roteiro de perguntas e quando as aplicava, fazia de maneira aleatória, de acordo com a direção que a conversa ia tomando. Ainda segundo Lüdke e André (1986, p. 34):

Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais dos esquemas livres, menos estruturados. As informações que se quer obter, e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível.

E, por fim, a terceira etapa do trabalho é a descoberta na qual o pesquisador, através das leituras, procura junto das ferramentas gerar objetos de pesquisa. Nessa fase procurei articular os elementos estudados: as observações, as entrevistas, as leituras e a retomada do diário de classe para gerar os dados da pesquisa e perceber as respostas encontradas.

### 3. POR ONDE CAMINHEI?

Para exemplificar o assunto que trato no trabalho, discorro acerca do riso, do humor, da educação e da relação entre eles, mostrando o que os autores que fundamentam a minha pesquisa falam sobre eles.

#### 3.1 O RISO: PARTE DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

O riso é uma expressão básica e comum de qualquer pessoa, ele está presente no ser humano desde os dois meses de vida e surge diante da presença da figura humana, conforme coloca Justo (2006). A partir daí, já demonstra as sensações de alegria e prazer que o acompanham. Ele se torna cada vez mais freqüente e, diante da figura humana, revela o reconhecimento de um objeto diferente de outros de seu mundo, como também demonstra o prazer que sente ao reconhecer outro ser humano. O riso e a alegria acompanham a constituição do sujeito e a descoberta do “Eu” e do “Outro”.

Aos poucos, através do crescimento e de descobertas, não será somente a presença do outro que provocará o riso, mas outras situações distintas. O autor cita a brincadeira de esconde-esconde, que provoca o riso no retorno do objeto, já demonstrando algumas expressões do ser humano em relação ao humor desde seu nascimento.

Alberti (1999) coloca que o riso é diretamente ligado aos caminhos que o ser humano percorre para encontrar as explicações do mundo. O riso, portanto, tem a faculdade de fazer reconhecer, ver e aprender a realidade que a razão séria não atinge. Ou seja, o riso desencadeará momentos de descobertas importantes do mundo, das coisas, dos seres humanos no processo de crescimento de qualquer pessoa. Ele vai alcançar esses descobrimentos e revelações sob o plano mais emocional do que o plano racional.

### 3.2 OS RISOS

Considerarei importante falar um pouco a respeito das definições do riso e dos tipos de riso e, como provocação, começo:

[...] não nos falam do riso como algo (uma quantidade, uma força) que possuímos e que seja bom exercer, ou como algo que ocorre (no grande espetáculo cômico do mundo) e ao qual é bom entregar-se, mas nos diz que é algo que podemos e devemos aprender (Lulkin 2007, p.16 apud Morey, 2005, p.247).

Coloco primeiramente esta citação, porque ela mostra que, apesar de o riso fazer parte da constituição do sujeito, como abordei anteriormente, ele necessita ser aprendido. Os momentos em que o humor se revela devem ser aprendidos, observados e escutados.

Existem risos provocados de diferentes tipos, podendo manifestar-se em diferentes situações: há o riso divertido e partilhado com os outros, o riso de zombaria onde há crítica, preconceito e vaia de uma determinada pessoa ou situação, há o riso sem moderação, no qual não há nenhum zelo sobre ele no que falar ou do que rir. Ri-se do que quiser sem fazer questão do momento do riso ou do lugar em que se encontra (Lulkin 2007).

Lulkin (2007) também diz que o instante do riso cria, num átimo, um mundo “paralelo” que se desprende do real, como uma faísca. É tão interessante pensar nessa sensação que o riso traz e a possibilidade de, com ele, se desprender de momentos para viver ou reviver outra realidade, apenas em um instante.

Alberti (1999) revela que o riso e o cômico são literalmente indispensáveis para o conhecimento do mundo e para a apreensão da realidade plena. E é o riso legítimo que pressupõe o cumprimento de uma atividade cognitiva que fica entre um relação do cérebro e do coração. Bergson (2001, p.5) diz:

Não saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados. Por que o riso precisa de eco. Ouçamo-lo: não é um som articulado, nítido, terminado; [...] nosso riso é o riso de um grupo. [...] Por mais franco que o suponham, o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários.

Bergson (2001) coloca o riso com seu significado social; para compreendê-lo é necessário colocá-lo no meio natural do riso, que é a sociedade, que nessa pesquisa é a escola e os alunos de uma determinada turma. O riso deverá responder a certas exigências da vida comum, tendo uma significação social colocado em sua sociedade e contexto. Por fim, acrescento mais uma pensamento de Alberti (1999) de que o riso revelaria o que é não-normativo, o desvio e o indizível que fazem parte da existência do ser humano.

### 3.3 O RISO: SUAS MANIFESTAÇÕES NA LINGUAGEM DO HUMOR

O riso pode manifestar-se através de uma piada, de uma gracejo e, sobre isso, Justo (2006, p. 107) coloca:

O riso deflagrado pelo humor, como no caso de uma piada, por exemplo, teria um efeito catártico, ou seja, liberaria desejos e idéias que jamais seriam liberados por outro recurso de expressão, seria um licença especial.

Dessa forma o humor, através de algum instrumento, vai desencadear a liberação de idéias que só o riso causaria e liberaria, pois por ele, como discuti no início relatando sobre a prática docente (p.11), as crianças falam mais sobre os assuntos estudados e sobre certos temas e sentimentos não relatados em outra situação. Elas se aproximam do professor e isso é como se possuíssem uma licença para colocar para fora pensamentos e idéias a respeito do mundo.

A licença especial colocada por Justo (2006), revela que, no entanto, seria concedida a liberdade de rir pela imposição de uma condição muito precisa: a de que o conteúdo ou o desejo não fosse manifesto em seu estado original, mas sim de maneira camuflada, disfarçada. Daí o duplo sentido, a ambigüidade, a ironia e tantos outros expedientes utilizados pela linguagem do humor para despertar o riso. O humor,

portanto, seria uma forma de linguagem sabiamente inventada e sancionada pela cultura para liberar desejos inconscientes.

Pela via do humor são expressas e ditas coisas que jamais seriam reveladas pela linguagem comum, as pessoas frente a piadas e situações engraçadas revelam atitudes e dizem coisas que não fariam se não fosse por esta via. As crianças, inclusive, quando aproveitam um momento de brincadeira, onde o riso surge, demonstram pensamentos que pareciam estar escondidos e muitas vezes surpreendem o professor.

O humor também nos faz rir de alguma memória, como traz Lulkin (2007), rimos de algo passado, da história que provoca uma lembrança; em outros momentos, o riso serve de passagem ao silêncio, ou provoca um apreensão que favorece a escuta. E, ainda, a provocação do riso é de tal forma contundente que solicita tempo para tornar ao silêncio. Essa memória ou as memórias podem ser os lugares nos quais um episódio cômico aconteceu e lá está ele resguardado para poder retornar à mente e, novamente, provocar o riso.

Há diferentes caminhos que o humor percorre dentro do propósito de comunicação. Também para Justo (2006), o efeito do humor é o mesmo – o riso - mas o sentido pode ser totalmente diferente. Há o humor que é uma liberação de idéias ou desejos escondidos, que estavam aprisionados pela censura; existe o humor que busca gerar uma situação de descontração entre as pessoas; também aquele humor que tem o objetivo de ridicularizar e desqualificar alguém; o humor “negro” que mobiliza ansiedades, temores e agressividades e o humor do contexto de gozação, de relâmpago, que aparece de surpresa em algum momento.

Ainda o mesmo autor coloca que o humor abrange um vasto campo da linguagem e do funcionamento psicológico, possuindo um valor inestimável na comunicação, na cimentação das relações sociais e nas formas de subjetivação. Lulkin (2007) concorda trazendo a idéia de que ou o cômico aproxima as pessoas e demonstra um compartilhamento, ou ele distancia e demonstra uma falta de identificação momentânea.

Justo (2006, p.108) continua e coloca que “o humor traz, intrinsecamente o caráter de irreverência, insubordinação e transgressão”. Portanto, o humor pode

também ocorrer de uma forma pervertida, evidenciando a desgraça de pessoas, um lado negativo, como também as brincadeiras de mau gosto que ridicularizam o outro, e as quais podem ser observadas na sala de aula com bastante freqüência. Justo demonstra as trapaças visando enganar o outro, desmerecê-lo, expô-lo a constrangimentos ou humilhações. A sala de aula é um espaço onde há este comportamento perverso e o afloramento de comportamentos assim.

### 3.4 O HUMOR E O RISO NO ESPAÇO DA SALA DE AULA

O humor é um poderoso instrumento para produção de linguagem e socialidade. Ele se apresenta, sobretudo, nos espaços dos relacionamentos informais, naqueles momentos de descontração e distanciamento das relações modeladas e reguladas pela racionalidade social e institucional. Circula na periferia da oficialidade dos núcleos de relacionamentos sociais. Por isso mesmo aparece mais freqüentemente nas salas de café, nos corredores, no fundo da sala de aula, nas mesas de bar e assim por diante. (Justo, 2006, p.122).

No espaço da sala de aula, o humorismo ressoa nas relações ali estabelecidas. Pela via do humor se abrem idéias e possibilidades de expressões e afetos contidos e policiados. Com ele se dá uma atmosfera mais tolerante e flexível. A descontração gerada pelo riso permite a superação de inibições e maior arrojo do sujeito na expressão de seus pensamentos e sentimentos na sua exposição no grupo.

Ao tentar converter os conteúdos e situações de interação sérios em momentos de humor e riso, diminuirá o peso da angústia no enfrentamento de conflitos e dificuldades para encarar e tratar assuntos emocionais e cognitivos. O humor suaviza o enfrentamento de situações e assuntos problemáticos, constrangedores e angustiantes dissimulando e dando um novo sentido àquilo que está sendo expresso na linguagem e na interação. Apresentando um assunto muito complicado como uma “mera brincadeira”, ele pode então ser exposto e tratado sem barreiras e constrangimentos. Mesmo situações e acontecimentos vividos de maneira triste no passado podem ser trazidos à memória através do humor de forma divertida ou até com um ar de deboche, alterando completamente o sentido básico da experiência e o afeto ligado a ela: a dor, o

sofrimento ou a raiva sentidos anteriormente podem dar lugar ao riso, à alegria e a uma sensação de leveza e bem estar. Cabe ressaltar que não é qualquer dor que pode ser transformada em riso, pois há situações trágicas que não há como se rir, pois o trágico também ensina. É preciso cuidar para não se banalizar essas situações e isso é algo importante dentro da sala de aula.

O humor pode ser uma alternativa em relação às atividades da escola e o tom criativo que há em sua linguagem. Os gestos, desenhos, mímicas, caricaturas e encenações se amplificam com o humor. Transformar um texto, uma fala, imagens líricas ou dramáticas em uma expressão bem humorada ou cômica é sempre um exercício radical de mobilidade e expansão das formas de expressão e comunicação. Sobre isso Justo (2006, p.119) coloca que

A abertura do discurso pedagógico e da relação professor-aluno para o humorismo faculta a todos a experiência com esse tipo de expressão e com os papéis sociais dele decorrentes, expandindo e coletivizando o exercício da linguagem e, com isso, dissuadindo apropriações individualistas e cristalizadoras de papéis e modos de subjetivação.

O exercício do humor é fundamental tanto em situações de produção de texto, como de uma fala, de uma fotografia ou desenho, como nas conversas e demais situações de produção de linguagem e interação dia-a-dia e de sala de aula.

Lulkin (2007) acrescenta que sua percepção a respeito dos “benefícios” do humor e dos acontecimentos cômicos nos processos pedagógicos são: o fato de o humor ser uma boa estratégia de aproximação com o público tanto para quem assiste ao ator como para quem está na posição de aluno; ele também é uma forma de quebrar temporariamente com as atitudes formais de um encontro entre aquele que professa e aqueles que estão na posição de alunos ou aprendizes; é também uma ação que provoca os sentidos e dá lugar para que o riso esteja presente nesses espaços, os espaços da escola e da sala de aula tendo uma ato que demanda agilidade e inteligência, que trabalha com diferentes amplitudes das linguagens; que permite mediar situações de conflito, entre outras possibilidades de “*uso e abuso*”.

Além disso, Arantes (2006, p.8), acrescenta que o humor e a alegria, além de fazerem parte da condição humana, se “[...] potencializados entre as pessoas, podem ser transformados em preciosos instrumentos para enfrentarmos os desafios éticos e

sociais da escola contemporânea”. E, falando em ético, cabe ressaltar que, principalmente no elo da educação, o riso tem um questão ética muito forte, pois não é em qualquer momento que ele pode surgir, há cuidados e zelos para ele acontecer, pois não pode ocorrer em qualquer lugar ou em qualquer hora.

Algumas pessoas, por quererem se apresentar como queridas e simpáticas através do uso da linguagem humorística, acabam exagerando e se tornando antipáticas. Na sala de aula é difícil não existir um aluno que seja o “engraçadinho” fazendo piadas e zombarias o tempo todo. Em cada grupo social há sempre o humorista, conforme Justo (2006). O aluno “bobo da corte” tenta agradar aos colegas e conseguir um espaço de saliência no grupo, sendo o herói que rompe regras. Ele provoca o professor com piadinhas sobre a matéria aprendida buscando que seus colegas o admirem por este fato.

Há então casos em que o humor exagerado acaba sendo banalizado. Quando se trabalha com o humor é necessário, conforme Justo (2006), “evitar que se descambe para a banalização de sua veia crítica e de aprofundamento das questões que aborda”

O humor precisa de um resgate da linguagem lúdica, que é a existência numa situação de interação em que a palavra possa circular livremente, com liberdade e de forma descontraída, através de conversas livres e criativas. O difícil é saber até que ponto o ambiente escolar e, mais precisamente a sala de aula, propiciam momentos assim, segundo Justo (2006). A escola tem uma razão que determina o que é ser professor e o que é ser aluno, e estabelece os papéis, responsabilidades e tarefas de cada membro. Porém cada sujeito tem seus sentimentos, pensamentos, desejos e vontades e na sala de aula é onde eles vão ser expostos e colocados em momentos de descontração, nos quais o riso é “permitido”.

Advogo pelo humor, o melhor dele, que possa refinar os discursos, provocar a graça, que possa mediar os conflitos e aproximar cumplicidades, gerando tanto na platéia de um espetáculo quando numa sala de aula, habitada por professores e alunos, uma mobilização, em diferentes linguagens. (Lulkin, 2007, p. 29).

Ao final, coloco esta citação de Lulkin, pois concordo plenamente e busco trazer como foco de minha prática docente o humor, refinando os discursos, trazendo a graça nas atividades feitas pelos professores. A mediação do humor mobiliza uma sala de aula nas diferentes linguagens que ele possui.

#### 4. PENSANDO NO ESPAÇO DO RISO NA SALA DE AULA

Ao longo deste ano, quando estive na escola dando aula e posteriormente voltando para investigar com outro olhar, percebi algumas atitudes semelhantes entre os professores: me aconselham dizendo que eu deveria ser séria, dar atividades de fixação, não fazer tantas brincadeiras nem não tantos momentos de conversa sobre o dia-a-dia, e nem sair mostrando os dentes porque eles poderiam tomar conta, como sugere Lulkin (2008).

O discurso é o mesmo de muitas escolas, de muitos lugares e de muitos professores. Mas notei que, em relação a rir, as pessoas muitas vezes nem percebem esses momentos. Os professores, inclusive, nem notam que o riso está presente cotidianamente na sala de aula e que ele não vem somente em momentos de baderna ou bagunça, mas que pode ser construtivo e instrumento de aprendizado.

Quando conversei com algumas professoras da escola sobre o meu tema, elas o acharam muito interessante, mas não conseguiam entender totalmente o que eu haveria de pesquisar.

O riso está presente nas salas de aula, as crianças riem entre si, mesmo que o humor seja gerado apenas entre elas, e não algo compartilhado pelo professor. É interessante que, com este trabalho, provoquou a preocupação e a inquietação de ter o riso partindo de atitudes do professor, de um uso prático da linguagem do humor, que não precisa ser didatizado.

Para poder descobrir o espaço do riso e assistir aos momentos em que ele surge na sala de aula, retornei, durante quatro dias, à mesma turma em que havia realizado a prática docente de três meses. Nesses dias de observação fiquei ali no cantinho da sala, anotando as circunstâncias de riso, com o objetivo de pensar o lugar em que ele [o riso] se encontrava naquela turma.

Neste capítulo mostro as análises que fiz, tanto das entrevistas com os alunos, como das observações feitas neste semestre, e também no semestre de prática docente.

#### 4.1 AS CIRCUNSTÂNCIAS DO RISO

Conforme Lulkin (2008), o riso resulta de algo que alguém narra ou professa; ele pode também acontecer de forma privada quando alguém se lembra de algo passado e ri da situação antiga.

O riso apareceu em todos os dias em que visitei a sala de aula: no momento da minha chegada, como ex-professora deles, a maioria das crianças ao me cumprimentar, ria como forma de aproximação, mas também como resposta ao meu sorriso por vê-las. Neste momento o riso é como um recurso para a aproximação, de reconhecimento que demonstra o carinho tido durante o período em que realizei a prática docente. Também pode demonstrar as saudades que eles sentiam, assim como eu.

Dentro da sala de aula, o riso surge diversas vezes, em todos os dias de observações, nas conversas paralelas, algo que pude observar também em meu estágio docente. Não se sabe sobre o que conversam, nem o professor sabe se falam sobre a aula, ou se falam sobre algo de suas vidas; mas eles riem, brincam paralelamente, e estas circunstâncias são muito freqüentes. Muitas vezes, elas até incomodam o professor. E isso foi claramente observado nestes dias: em uma das situações a professora chama a atenção de dois meninos que estavam conversando e, como eu estava perto deles, pude participar da conversa ouvindo-a. Eu sabia que eles comentavam sobre o que estava sendo ensinado na aula, inclusive um comentário muito construtivo, mas a professora não sabia. Nem teria como saber naquele momento.

Na entrega das avaliações o riso também pode ser observado. Alguns alunos falam de si mesmos, que se saíram bem e que a nota tirada fora alta. Outros pegam as folhas e mostram para mim, mostram para os outros colegas, e ao mesmo tempo riem, demonstrando a alegria de obter aquela nota alta. Alguns alunos que não tiraram uma nota tão boa, riem, como sinal de defesa, ou até riem para mostrar que não foram bem e não estão nem aí.

Certos alunos riem mostrando que finalizaram a atividade proposta e agora podem conversar e brincar porque não têm mais nada para fazer. Esta era uma regra

que a professora fez com eles, de que quando acabassem as atividades, poderiam conversar. Outros alunos celebram, rindo e levantando as mãos para cima por terem entregado a atividade.

As brincadeiras com os nomes dos colegas, adivinhações ou pegadinhas estão muito presentes entre eles e desencadeiam o riso, mas elas também acontecem nas conversas paralelas durante as aulas e, quando acontecem, são repreendidas. O professor pode tentar aproveitá-las e problematizá-las de uma forma que leve a piada feita, ou a fala, para uma concentração maior na aula, no que está sendo ensinado e também numa descontração prazerosa entre o professor e alunos.

Outro momento interessante de ressaltar é a minha presença naquela sala de aula, que provocava risos, quando alguns alunos percebiam que eu estava olhando para eles, ouvindo uma conversa paralela ou mesmo uma piada. Eles davam risadas, pois era bem engraçado.

Em outras situações, alguns encontravam o meu olhar e eu, como observadora e ex-professora, sentada no canto da sala ou andando pelas classes, ao encontrar um olhar ria, ou simplesmente sorria de uma forma mais tranqüila, e como resposta eles riam de volta, ou até mesmo por vergonha, davam uma risadinha e desviavam o olhar.

Dentro da sala de aula acontecem muitas situações do tipo de humor relâmpago que vem de surpresa em um determinado momento. Ele é produzido tanto pelo professor como pelo aluno, ou ainda, pelo aluno que é habilidoso com o humor e não deixa passar nenhuma oportunidade sem intervenção cômica. Diversas vezes pude perceber essa atitude em um dos alunos, o T: ele faz suas piadinhas aproveitando situações de uma simples fala de uma colega, de um gesto ou uma palavra atravessada numa conversa e acabam sendo suficientes para provocar riso na maior parte da turma.

Às vezes, essa intervenção cômica deste aluno tinha como objetivo provocar o professor, fazer brincadeiras com o assunto que estava sendo trabalhado em sala de aula, fazer baderna com a turma para que todos os colegas perdessem a atenção, trazendo um tipo de perversão do humor. Um momento bem expressivo foi quando a professora disse que eles fariam trabalho em grupos e poderiam escolher os colegas. T. pegou sua mochila e ficou perambulando pela sala, de um grupo para o outro e não se

decidia, até que todos sentaram e sobrou um lugar para ele. Toda a turma achou a situação engraçada, principalmente depois, quando a professora declarou que se tivesse bagunça, alteraria os grupos. T., então, diz bem alto, levantando a mão e rindo: “*Eu*”. Nesta situação parecia que ele queria dizer que haveria problemas com ele, que certamente ele faria bagunça e incomodaria. Os colegas também riram do acontecimento.

Um aluno pode, também, assumir o papel de “bobo da corte” e T. me chamou bastante atenção tanto nas observações, como no estágio, porque ele tentava fazer graça o tempo todo na sala de aula, era um aluno que muitas vezes provocava com um riso, fazia barulhos com a boca, de “pum” e arrotos, fazia barulho com os pés e com as mãos, batia na classe, apontava para alguns colegas e imitava a forma de andar e falar, fazia piadas com o que a professora ou os colegas sugeriam e falavam, fingia não ouvir a professora e respondia bem alto que já entendera. Muitos riram várias vezes, mas como já era algo esperado todos os dias na sala, notei que provocou em alguns colegas um sentimento de irritabilidade, como também ele perdeu em algumas de suas piadas a força cômica do espontâneo e do surpreendente, como fala Justo (2006). Ele aproveita cada momentinho, recortando a imagem de um olho da revista, colocando no seu olho e fazendo careta para os colegas, também fazendo barulhos de “pum” com a boca e etc.

Um outro motivo para o riso, também analisado, é o dos erros dos colegas ou da professora. Em um dos dias as crianças estavam estudando os animais e a classificação entre mamíferos, aves, répteis, peixes, insetos e anfíbios. Quando estava fazendo um trabalho de uma folha de perguntas, um aluno afirma em voz alta: “*Elefante não é um animal, é um mamífero*”. Esta situação provocou uma risada geral na turma, a professora riu junto, e o aluno que pronunciou a frase pareceu não entender o motivo do riso. É importante o professor estar atento à situação. O riso, neste caso, surge frente a um erro, ou a uma falta de entendimento, e há necessidade de intervenção por parte do educador, tanto com o aluno que afirmou erroneamente como com os alunos que riram da situação. Ela realmente foi engraçada, mas poderia ter sido problematizada. Talvez, a professora poderia explicar para o aluno que, ser mamífero, já é ser animal, pois é uma classe que pertence ao grande grupo de animais. Com os

outros alunos, poderia ter rido junto, mas explicado que o erro é algo que acontece na sala de aula e frente a ele, não podemos ter somente uma atitude de gozação, pois na hora é engraçado, porém, precisamos apresentar, também, uma atitude de esclarecimento da dúvida e erro cometidos, fazendo com que ninguém se sinta mal dentro da aula.

Numa dupla, um colega responde a uma questão de matemática, também de forma errada, e o outro ri e não o ajuda explicando.

A professora estava escrevendo no quadro e cometeu um erro que desencadeou o riso na turma: ao escrever a lista dos animais que eram invertebrados e os que eram vertebrados, ela inverteu os grupos e um aluno, rindo bem alto, fala: “*então insetos têm ossos?*” e os outros riem junto.

Também quando o aluno fala “*reptieis*” os outros dão gargalhadas da forma de falar errada. Ainda uma última situação interessante de erro e riso, foi quando um colega perguntou: “*a vaca é invertebrada?*” e o outro, como não sabia a resposta, disse que dependia da vaca. Outro participante, ainda, que estava ouvindo os dois conversarem, riu com os dois e explicou o motivo de estar rindo. Eles perceberam, então, que suas respostas estavam erradas e foi bem interessante o fechamento da questão. Porque os alunos que estavam com dúvidas, pareceram entender melhor o conteúdo, pois ninguém chegou diretamente e falou que estavam errados, rindo da cara deles, mas teve alguém que escutou e explicou direitinho, participando do humor.

Num determinado momento, vários alunos começaram a tapar o nariz com o moletom e percebi que alguém tinha soltado um “pum”; então, os alunos iam, um por um, tapando os narizes e rindo, o que gerou um momento de bastante descontração na sala de aula. Eles riem muito quando se fala em excrementos do corpo, pois, quando uma colega, ao ler sua história dizia: “*e fiquei com vontade de fazer xixi*”, a risada surgia. Quando falam do corpo e do que sai dele, como urina ou fezes, o humor continua. Nesta situação lembrei de quando estudei muitos assuntos sobre Porto Alegre com a turma, e estávamos estudando sobre o Guaíba, então, apareceu a palavra dejetos, no momento em que descobriram que aquela palavra significava “xixi” e “cocô”, caíram numa gargalhada geral.

As afirmações óbvias também são motivo de riso neste espaço escolar e, desta vez, foi interessante a forma como a professora colocou a situação. Ela estava explicando sobre a atividade em grupos, dizendo que eles deveriam anotar de um lado coisas que sabiam sobre os animais e, do outro, coisas que gostariam de saber. Então ela fala: “*Não vão colocar: o cachorro têm pêlos né?*” As crianças riram bastante deste tom irônico, pelo fato de ser algo óbvio.

Todos estes momentos de riso são mais ligados aos acontecimentos cotidianos da sala de aula, que podem acontecer em todas as salas. O que muda é a postura do professor frente às situações nas quais ele [o riso] surge, podendo aproveitar algumas circunstâncias em que o riso aparece, dando mais liberdade para que riam ou problematizando sobre o que eles estão rindo.

#### 4.2 ATIVIDADES QUE DESENCARDEIAM O RISO

Até agora analisei mais as circunstâncias e temas do riso de forma cotidiana dentro da sala de aula. Com respeito a atividades desenvolvidas pela professora, pude observar que, em algumas, o riso estava relacionado a elas e foi provocado pelas atividades propostas.

Quando foi determinado que a turma faria trabalho em grupo e, ainda, que eles poderiam escolher seu grupo, nesta circunstância a risada foi geral, eles prontamente escolheram os grupos, sentaram em seus lugares escolhidos e conversaram com os colegas. Durante o desenvolvimento do trabalho, pode-se observar momentos vinculados à atividade, nos quais os alunos riam, e demonstravam que tinham mais liberdade no trabalho proposto, a maioria dos alunos, tinha uma concentração no que estava fazendo.

A atividade em que a professora levou a turma para assistir a um vídeo sobre cobras proporcionou muitos momentos de riso, inclusive quando ela a anunciou para as crianças. Riram antes, durante e depois.

Diversos momentos de riso aconteceram: quando o vídeo mostra uma cobra da África, uma das maiores do mundo, eles riem e ao mesmo tempo se atemorizam dizendo: “*nossa, que gigante!*” e outros apenas falam: “*óóó!*”, impressionados.

Outra situação que a maioria riu foi quando aparecem duas cobras se enroscando; ao assistirem isso, alguns começam a dizer, rindo: “*as cobras estão namorando!*” Porém, mais adiante, o vídeo revela que as cobras eram dois machos, dando a entender que eram dois machos namorando. Neste momento, principalmente os meninos, começam a rir e dizem: “*iiii!*”, mas o vídeo esclarece que eles estavam guerreando pela fêmea.

O filme continua e é falado sobre acasalamento, um aluno repete em voz alta: “*acasalar com a fêmea.*”, todos riem, uma menina pergunta o que é acasalar? E os outros riem sem responder à pergunta da colega.

Depois, o documentário mostra as cobras colocando seus ovos pelo orifício e eles novamente riem. Mais adiante explica que esses répteis colocam seus ovos e os deixam no local, seguindo caminho adiante. Um aluno prontamente diz: “*Que mãe irresponsável que tu é!*”. A turma inteira ri da situação.

Houve ainda muitas outras situações de riso, porém, primeiro ressaltai essas, pelo fato da sexualidade estar tão presente entre as crianças, e ser algo bastante comentado por elas. Justo (2006) aborda este riso como um fato presente na contemporaneidade.

Na sala de aula pude perceber que as crianças aprenderam através do que riram, pois, posteriormente, a professora conversou sobre o documentário e eles iam expondo suas idéias: a maioria delas tinha rido na hora de assistir; tinha passado pelo sensível e não mecanizado.

O vídeo assistido é o que narra e professa o humor, na realidade, ele não é especificamente um vídeo humorístico, mas um documentário que se torna um instrumento de provocação do riso nas crianças que o assistiram. Lulkin (2008) traz a idéia de que os sentidos do humor vão solicitar uma comunidade que compartilha tempos e espaços e, neste intercâmbio, essa comunidade construirá a cumplicidade necessária para que o riso aconteça.

Com isso, percebo que as crianças acham algumas situações engraçadas neste documentário, que talvez não fossem tão engraçadas em outro lugar ou época, talvez em outro espaço e tempo, essas crianças se sentissem constrangidas de rir em algumas das cenas.

#### 4.3 O QUE AS CRIANÇAS FALAM SOBRE O RISO?

Para entender o que as crianças pensam do riso dentro da sala de aula, as questionei através de entrevistas semi-estruturadas. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas como citei no capítulo metodológico. Para que fique mais compreensível e o leitor possa ler as entrevistas anexadas relacionadas ao texto, quando eu citar as respostas dos alunos, colocarei o número da entrevista abreviado: se for a entrevista um, que está em anexo, colocarei: (E1); se for a entrevista dois, colocarei: (E2) e assim sucessivamente. Também, quando falo de um nome de um aluno ou aluna, colocarei a inicial do nome, seguida de ponto final.

Pude entrevistar oito alunos e muitas de suas respostas me chamaram à atenção para alguns fatos que explicitarei a seguir.

##### 4.3.1 Quando eles riem...

A primeira pergunta para a maioria das crianças foi a respeito dos momentos de riso na escola, se podia rir, quando se ria, e etc. Eis algumas das respostas:

*“Rimos mais no recreio”* (E1); Essa fala foi bem específica ao fato de rir mais no recreio, não que não rissem na sala de aula, mas que o recreio fosse um momento onde ele seria mais vezes liberado.

*“Nos momentos engraçados e na hora do lanche, no recreio; na sala de aula que não.”* (E2); Essa menina declarou de uma forma bem clara que o riso não estaria presente na sala de aula, ele só aconteceria no recreio.

“*A gente pode rir no recreio, no lanche*” (E4); Essa resposta, mostra a questão da permissão de rir, o lugar permitido é o recreio e a hora do lanche. Cabe ressaltar que, nessa turma, quem não vai para o refeitório, lancha dentro da sala de aula.

“*No recreio, na educação física.*” (E5); Nessa resposta surgiu um elemento novo, a educação física, como uma atividade escolar que proporciona prazer e riso através dos jogos e das atividades esportivas.

“*No recreio, aqui na aula também, quando a gente faz alguma coisa engraçada*” (E7); Outro elemento novo que surgiu, entre as entrevistas foi a deste menino que acrescenta a sala de aula como um local de rir. Todavia, posteriormente, explica que o riso ocorre quando alguém faz alguma coisa engraçada. Perguntei para ele o que seria a “coisa” engraçada, ele me explicou que às vezes tem um colega que fica batendo de brincadeira nele e rindo, e ele fica bravo, mas começa a rir junto, sem saber o porquê da graça. Ele não demonstra saber o motivo, até porque a graça não passa pelo plano racional, quando rimos, muitas vezes, não compreendemos o motivo, nem o fator que desencadeia o riso. Difícil é parar para perguntar-se e analisar sobre o motivo de estar rindo, mas percebe-se o prazer que sentimos no momento, pois o riso não aparece se não há alegria e prazer sendo liberados no ato.

Percebe-se que a maioria dos alunos aborda o recreio como o maior desencadeador de riso dentro da escola, alguns poucos vão falar da sala de aula primeiramente, e esse aluno que fala da sala de aula, descreve-a em momentos de conversas e brincadeiras paralelas que não se relacionam diretamente com o que está sendo ministrado na aula.

Posteriormente, em minhas questões orientadoras da entrevista, me refiro diretamente às aulas e aos momentos de riso durante as aulas, perguntando se eles riem na sala de aula. Então, eles dizem:

“*Quando alguém diz alguma coisa engraçada na sala de aula*” (E1); E na mesma entrevista elas acrescentam: “*quando, às vezes, tem uns colegas da sala de aula com as classes do lado, e fica tipo assim com o moletom na frente do nariz (risos), porque alguém soltou um pum. (as duas riem)*” (E1). Essa situação também pôde ser observada na turma, como relatado no capítulo anterior, interessante é notar suas falas

concordando com o que pude observar; que situações de pum, arrotos e espirros ou mesmo de citar palavras como cocô e xixi, geram riso nas crianças.

Também, nessa entrevista, que foi realizada com duas alunas ao mesmo tempo, uma delas relata uma situação em que escorregou no chão e caiu; todos os colegas começaram a rir, e ela, nesse momento, riu sobre si mesma em conjunto aos seus colegas. Essa atitude de rir sobre si é discutida por Alberti (1999).

A menina desta segunda entrevista foi a mesma que declarou que na sala de aula não se pode rir, então a questioneei com respeito a isso e ela respondeu: *“Algumas vezes quando a sôra tá conversando, a gente pode rir um pouquinho”* (E2); e *“eu rio quase sempre”* (E2); Perguntei então o motivo de rir quase sempre, e ela relatou que ri das brincadeiras de seus colegas, na maioria meninos, que fazem brincadeiras de pegadinhas e gracinhas. Noto aqui que, primeiramente, ela traz um discurso de que dentro da sala de aula não se ri e depois se contradiz, explicando que ri das brincadeiras dos colegas, não de atividades específicas.

Na E3 a aluna explica que ri bastante das palhaçadas que a professora faz com seus colegas: *“O R começa a chorar daí ela diz que ele parece um bebezinho, que ele tem que ir lá pro Jardim, aí o R. começa a dar risada e todo mundo dá risada junto por causa do R. que começa a chorar. Aí o T, que, ontem ele derramou tomate na mesa dele, aí a sôra disse que parecia um neném comendo”*. Entendo essas situações como momentos de brincadeira também, mas que vem por parte da professora, e é de se questionar se este momento é de um riso construtivo ou depreciativo.

Penso que o professor precisa ter cuidado com o tipo de humor que ele traz para dentro da sala de aula, em suas falas, atividades e atitudes. Mais adiante ela também fala de situações em que um colega imita o outro, e toda a turma começa a rir.

*“Se a gente acabou tudo e o outro colega também, a gente pode, acho que sim.”* (E4); Essa afirmação de permissão de riso no momento de término da atividade também foi observada nos momentos de sala de aula quando a professora fala para alguns alunos: *“trabalhando e vamos parar com as gracinhas, ainda se tivessem terminado, daí tudo bem”*. Nota-se então, a permissão e a liberdade para brincar, conversar e por estes, rir, se a tarefa já está finalizada e entregue.

M. na quarta entrevista continua falando que ele ri quando acontecem algumas briguinhas e, por isso, ele pára de estudar e conversa. Também quando o aluno começa o trabalho e fica dando uma “espiada” (termo usado pelo aluno) nos colegas, fica rindo. As caretas de colegas também apareceram em suas respostas como desencadeadoras do riso durante a atividade escolar, como também a situação de um colega tentar sentar na cadeira, sem olhar que ela estava afastada e cair de bunda no chão, provocando risos em toda classe.

No fim da entrevista o menino acrescentou uma situação interessante: *“E um dia a Ad. disse assim: “o Sôra como é a conta mesmo?” Daí a sôra disse: “é demais Ad, isso é demais”. Daí o Luca disse “ah sôra é de mais, eu pensei que fosse de menos”.* Demorei para entender o que sucedeu, mas compreendi que a professora já deveria ter explicado a conta, que era de menos, e a aluna novamente perguntou; a professora então, reclamou dizendo que já era demais para ela, pois já explicara, foi então que um aluno, ouvindo a situação, se perdeu achando que a conta era de mais. Essa situação é bem típica de sala de aula, a comunicação que foi cortada e mal entendida, gerando riso para quem participou como espectador.

Na E5, um aluno indicou também que o riso está na sala de aula quando alguém faz alguma graça, como caretas, brincadeiras de palhaço e coisas do tipo.

O colega L. também concordou com a afirmação anterior falando na E6 que quando ele faz caras engraçadas e caretas, os colegas riem e ele também, depois colocou: *Ah, quando falam alguma coisa engraçada, sabe? Assim, daí a gente dá uma risadinha, eu sempre tento controlar, as coisas engraçadas*. Achei interessante nesta fala que ele descreve uma tentativa de controlar as coisas engraçadas que acontecem, tentativa de se segurar, porque entende que alguns momentos não são propícios para o riso, não são momentos certos para se rir. Quando o questionei se a sala de aula é um espaço para rir, L. respondeu: *“Acho que sim né? Não tanto porque se não incomoda a aula.”*

Em todas as entrevistas pode-se observar que o riso surge na sala de aula como Lulkin (2008, p. 19) sugere:

A observação do humor e do riso na sala de aula pode ser feita de forma cotidiana, pois são frequentemente encontrados nos intervalos escolares, no pátio, na rua, através de imagens, diálogos, contos e “causos”, leituras rápidas.

Desde conversas paralelas às caretas, piadas, quedas, puns, situações cômicas, coisas essas que os alunos relatam dizendo que ali está o riso. É interessante notar nos discursos, que eles indicam a ética do riso: quando se pode rir, a necessidade de segurar o riso e cuidar com a hora em que se está rindo. Também Lulkin (2008) coloca que podemos rir de tudo, mas não podemos rir com todos e nem em todos os momentos, acrescentaria eu. Assim como as crianças percebem.

#### **4.3.2 Quando eles riem através das atividades escolares...**

O encontro do riso, do humor e da educação acontece todos os dias na sala de aula: seja frente a uma conversa paralela que eu, ao olhar, não tenho a compreensão do que está sendo dito, mas de alguma forma aquele riso contagia o meu, que pode contagiar outros colegas; e pode acontecer durante uma atividade realizada pelo professor.

Está compreendido que o humor se liga com a sala de aula, mas queria saber quando o humor, para os alunos manifestado no riso, está presente nas atividades escolares propostas pela professora.

Perguntei, então, se existem atividades que a professora faz e traz para a sala de aula, que provoquem neles a vontade de rir:

Algumas respostas foram bem interessantes; a primeira respondeu: “*Essas (atividades) dos animais, que às vezes tem algumas coisas engraçadas né?*” (E1); falando em relação às diferentes atividades que a professora estava trazendo para sala de aula, sobre os animais e diferentes estudos. Foram feitos trabalhos em grupos, trabalhos de pesquisa e busca, atividades em folhas, vídeo documentário, coleta de imagens, discussões, entre outros, que não pude observar. Portanto, ficou expresso na

fala desta aluna que a atividade feita com eles pela professora desencadeou nela risos, prazer e uma concentração maior. Outro colega, na E7, também colocou que as atividades dos animais desencadearam momentos de riso para ele.

Outra fala de uma aluna foi bem diferente: *“Olha sôra, ela quase não traz atividade, essas coisas assim, ela dá fração, agora a gente tá estudando sobre os animais, sobre as plantas, ai ela quase não costuma trazer atividades pra gente fazer.”* (E3). Primeiramente não entendi o que a aluna quis dizer com o fato de a professora não trazer “atividades” para a sala de aula. Conversei com ela e explicou-me que eram atividades diferentes que a professora não fazia, e por isso, ela não tinha momentos de riso durante elas.

Em outro momento perguntei para M. se aconteciam atividades que provocavam seu riso durante a aula, ele perguntou para mim se a pergunta se referia à atividades que ele gostava, então expliquei que sim, que eram atividades que ele gostava muito, mas que além disso provocaram uma situação de riso durante elas, e ele respondeu: *“Quando ela joga bingo, às vezes ela faz uma atividade com a gente que ela faz uma roda assim, daí ela começa a fazer umas perguntinhas pra gente, é legal também”* (E4). Achei muito importante esta afirmação dele, pois ele traz elementos do jogo, da conversa em roda, e através das minhas observações do estágio, também percebi momentos de riso e manifestação do humor, acontecendo uma forma cômica de o professor realizar aquela atividade.

Essas foram as únicas falas em que os alunos colocaram o riso ligado diretamente às atividades propostas em sala de aula. Com todas as falas e análises a respeito do que as crianças pensam do riso na sala de aula, noto que elas aparentam não perceber todos os momentos de riso na escola; algumas vezes demoravam para responder, outras vezes tinham que pensar bastante para buscar momentos de risada, e, primeiramente, ligam o riso ao prazer que sentem em momentos que gostam, a coisas que acontecem. Os alunos não aparentam possuir a percepção de que na realidade riem na escola, mas não de forma totalmente envolvida com as atividades de sala de aula.

### 4.3.3 Quando eles não podem rir...

Posteriormente às perguntas de onde o riso aparece, perguntei, ainda, para continuar a entender o pensamento das crianças e analisar os discursos postos quais são os momentos em que não se pode rir dentro da sala de aula. E eles responderam:

*“É, quando a professora está explicando as atividades.”* (E1);

*“Quando a sôra tá explicando e quando ela tá fazendo avaliação e quando a gente tá fazendo trabalho.”* (E2);

*“No momento que a sôra tá explicando alguma coisa e quando um outro tá fazendo uma palhaçada.”* (E3);

*“Por exemplo, quando a gente tá fazendo uma prova, aí tem que se concentrar bastante né? Não pode levar que nem uma brincadeira, por causa que é uma prova né?”* (E4);

*“Quando a sôra tá falando.”* (E5);

*“Quando a sôra tá falando e também quando tem um momento importante...quando a gente tá fazendo avaliação.”* (E7).

Deixei todas as respostas juntas, porque as achei muito semelhantes umas às outras. Não pode rir quando a professora explica atividades, quando ela fala e quando estão em avaliação: é o que a maioria deles responde.

Dois aspectos chamaram-me a atenção:

O primeiro é o “momento importante”, que não se pode rir em momentos importantes, sendo este momento citado: a avaliação. Fiquei pensando no que este aluno pensa sobre a escola e sobre a aprendizagem, pois parece que ele ainda carrega o conceito de que momento “importante” é a avaliação, especificamente. Os outros momentos talvez nem sejam mais importantes para o aluno, assim como não são para a escola. Talvez os momentos de rir, por exemplo, se tornem momentos mais desvalorizados, e o mais especial seria a avaliação, não do ponto de vista sensível, talvez nem do ponto de vista do aluno, por mais que ele reproduza este discurso.

O segundo é a fala do aluno que liga a concentração ao fato de não levar na brincadeira. Eu entendo que este aluno quis dizer que é um momento que tem que

cuidar, não pode ficar rindo, pois é avaliação, assim como o aluno anteriormente citado. Porém, conforme minhas observações neste trabalho, percebi que quando há situações em que o professor traz atividades que geram prazer e riso, através de algum tipo de humor, há grande concentração, os alunos atentam para o que está sendo falado e aprendem. Eles mesmos não percebem o que o riso traz para eles.

A educação, contudo, é inerente à vida humana. Diferentemente dos animais, a necessidade de formar o ser humano, o indivíduo, a pessoa, o cidadão, o adulto, o profissional, um ser civilizado, enfim, pressupõe um processo de aprendizagem que implica a substituição dos instintos. Esse processo está longe de ser controlado racionalmente. Nesse sentido, a educação se associa com alegria e com o humor para a conquista, o domínio e a transformação da natureza – a criação da cultura (Oliveira, 2006, p.82).

Penso que esta citação concorda com o que venho expondo, no sentido em que a formação destes alunos ainda tem sido mais racional, por este controle da razão. A autora coloca e eu concordo, que a educação precisa se associar com a alegria e humor, que geram o riso durante as aulas. A problematização deste tema com as crianças também é importante. É preciso mostrar para elas, através da postura de professor, que a educação precisa mudar e que a escola também; nossa cultura deveria ser diferente: não tendo a razão como principal instrumento e não sendo mais ela o “momento mais importante”.

#### 4.4 O ESPAÇO ESCOLAR

Continuando a idéia do parágrafo anterior, a escola desde sua fundação e criação, foi marcada pela seriedade, tendo sido criada como um espaço de razão, de pensamento, de educação e não um espaço no qual haveria riso, humor e brincadeiras. Muito menos se pensava que haveria aprendizado através dessas linguagens.

O riso acontecia fora da escola, o riso era do povo, da rua, do barulho e da baderna. Aos poucos a educação foi sendo alterada por muitos pensadores, quando enxergam a necessidade da brincadeira, do jogo ou mesmo da infância que foi também inventada.

Conforme Vasconcelos (2006), a divisão entre razão e sentimentos se tornou um desejo de supremacia da razão, estando presente ainda hoje nos projetos institucionais, nas escolas, nos professores e passando a ser aprendido pelos alunos.

O “sério” ainda é bem presente nos discursos das crianças, elas demonstram em suas falas o fato de a escola não ser um lugar de rir: “*Quando precisa, a gente ri né, mas a escola não é um lugar de rir.*” (E3).

Para a maioria das crianças a escola ainda não é um espaço onde se é permitido rir; elas riem como se fosse algo contra a escola, elas transgridem o fato da proibição de rir. O discurso delas mesmas não autoriza a rir.

Outro aluno ressaltou o motivo de a sala de aula não ser um local onde a gente deve rir: “*a professora não gosta e não é bom ficar brincando assim e perambulando por toda a sala.*” (E7). Mais uma vez colocando a atitude de rir como negativa dentro da sala de aula. Obviamente, existem momentos que devem ser respeitados, mas as crianças não compreendem que elas mesmas aprendem rindo. A idéia de prazer que a escola apresenta é que ele tem que ser algo sério, ela não envolve o prazer de sentir, de rir.

Permanece, então, o pensamento, a dúvida e o desafio de fazer da escola um espaço de riso, que possa ser claro e visível. Que ele não fique escondido e preso ao recreio, como se fosse o povo, a rua, onde a baderna se encontra, mas que o riso possa se tornar algo constante numa turma, problematizado pelo professor, e usado por ele para tornar o ambiente mais prazeroso, mais confortável, com menos pressões e com momentos de riso que sejam “importantes”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar este trabalho de conclusão de curso, eu tinha uma visão muito extremista do riso, achando que ele não existia na escola e que os professores apenas o reprimiam, que a escola era um lugar sério, no qual a brincadeira e o humor não estavam presentes. Com o passar dos semestres, os estudos, as leituras, as observações e as entrevistas, foram mudando o meu olhar, que antes estava comprometido.

A escola é sim um lugar onde o riso está presente, tive claramente esta resposta, porém a presença dele ali, na maioria das vezes, aparece como um riso de situações cotidianas e não especificamente escolares, nas quais a linguagem do humor é utilizada pelo professor. A escola precisa constituir-se também como um espaço de lazer, como diz Xavier (2002), onde as crianças tenham liberdade de se expressar, falar e rir.

Ao finalizar esta pesquisa, considero importante que como docente, terei um olhar diferente sobre o riso dos meus alunos, algo que antes nunca havia pensado e hoje, vejo o quanto existe dentro de um riso, quanta história, cultura, alegria, prazer, aprendizado envolvidos nele e que eu jamais imaginava.

O riso precisa ser provocado pelo professor, mas não um riso burro, que despreza as pessoas, ou que traz preconceitos à tona. O professor pode tentar, em suas atividades, colocar a desenvoltura do humor e a linguagem do cômico como objetivos. O professor atua em sala de aula também como um ator. A respeito disso, Lulklin, (2008 p.18) comenta que “humor e riso se mostram por diferentes manifestações que ocorrem com frequência, quando um público escuta e assiste a alguém que fala ou que narra (...) Aquele que narra ou professa pode dizer ou fazer algo que provoca o riso”. Por que não o professor?

Analisando a respeito de construir uma atividade em sala de aula, pensei no que Landowski (1999) considera: a eficácia de um texto bem construído, que pode ser um filme, uma imagem, uma atividade de aula, uma história e a forma como se professa

isso, se dá no poder de contágio que ele tem sobre o humor e sobre o corpo. O autor ressalta também que da mesma forma que a ação farmacêutica regula as funções orgânicas, os textos regulam a saúde moral, o humor, e têm poder de aliviar a dor.

O riso é sensível e não mecanizado, por isso, ele não pode ser didatizado. Não há como saber o que exatamente repercutiria em risos inteligentes na minha turma de alunos e desejar que as mesmas práticas ocorram na turma de outra professora e tenham o mesmo resultado. É preciso conhecimento do professor a respeito de sua turma, busca de meios para entender como os alunos são, tentativa de conhecer as peculiaridades de cada um, e descobrimento de como provocar o riso nas atividades escolares.

Sobre isso, encontrei uma citação que coube em meu pensamento, e o aprofundou ainda melhor, da autora Abramovich (1993, p. 64)

O humor - na literatura e na vida - **não é contar piada, fazer graçolas ou um comentário boboca** e, óbvio, muito menos ser explícito... Também não é ficar rindo de bobeira pura. É muito mais, como disse nosso maior filósofo, o grande pensador e cutucador das cabeças brasileiras, Millôr Fernandes: “Como em todo meu humor não procurei fazer gracinhas, adotei apenas, acho, **uma forma completamente desinibida e descondicionada de ver as coisas**” E os **autores infantis** que conseguem esse tipo de visão são os que **levam a novas formas de perceber velhas coisas, sem preconceitos, sem estereótipos**, sem repetir o já sabido, e que, por isso, espantam... E nada como uma boa sacudidela criativa e cutucativa para fazer sorrir, pensar, **rir**, perguntar, parar por um momento **e se dar conta** de que o caminho poderia ter sido outro... ou que sempre é tempo de rever posições, idéias, gentes, ou o que seja, **e encontrar outro jeito (talvez mais saboroso**, mais inquieto, talvez, menos apaziguado, mais contundente, talvez mais anárquico e bem menos bem-comportado, e sobretudo mais vital) de andar e olhar este mundo....E sorrindo!!!

Eu faço uma analogia diretamente com o professor que deve mostrar para seus alunos que o humor, realmente não é apenas rir por rir, de uma piada ou de uma gracinha qualquer. O professor precisa adotar esta forma desinibida e que não é condicionada a um comportamento específico, de ver e fazer as coisas dentro da sua sala de aula e escola.

No lugar de “autores infantis” na citação, alteraria para professores/educadores, que conseguem ter a visão de uma linguagem cômica que leva a enxergar diferente o

mundo, sem os rótulos tão presentes dentro da escola, e sem o preconceito tão depreciativo que se estabelece. Ser criativo para realizar uma atividade proposta, mexer com os corpos disciplinados que não agüentam mais ficar sentados, mexer com a vida em cada criança, botar para fora os seus desejos, idéias e vontades, podendo a sala de aula ser um espaço agradável, mesmo com todas as suas dificuldades.

É certo que nenhuma sala de aula ficará perfeita cheia de risos, a vida tem constantes lutas para se enfrentar, todavia, através do riso, o professor pode auxiliar no caminho a seguir. Não acabar com a luta, não negligenciá-la, mas compreender que existem momentos onde o prazer, o sensível, e o estésico, estão presentes na sala de aula junto da razão, nem acima nem abaixo dela, muito menos passando por ela, mas tendo o mesmo espaço que ela encontra nas salas de aula.

Talvez este jeito saboroso e inquieto esteja no riso, o riso ao ler, ao escrever, ao aprender, ao olhar, ao produzir, ao jogar, ao correr, talvez ele tenha outro sabor.

Eu apenas mudaria o fim da citação e colocaria, em vez da palavra “sorrindo”, a palavra “rindo”, porque rir é bem diferente de sorrir, e como abordei o riso o tempo todo neste trabalho, penso que ele tem o poder de trazer mais atitudes sensíveis e expressar coisas mais profundas que o sorriso.

Cabe ressaltar que pude perceber, claramente, que as crianças que riem junto a uma atividade proposta pelo professor, poderão ter mais prazer e liberdade ao realizá-la. Expressando suas idéias com mais facilidade, aproximando-se do professor e concentrando-se na realização dos trabalhos, dentro de um plano sensível e não mecanizado.

Chego ao fim, com o gosto de rir e de querer entrar em minha turma, como pedagoga, rindo um riso que aproxime e comunique aos meus alunos a vontade de estar ali e provocando um riso que os faça ter vontade de aprender, se concentrar e rir um riso que se torne um “momento importante” dentro da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil gostosuras e bobices**. São Paulo : Scipione, 1993.

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / FGV, 1999.

ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Humor e alegria na educação**. São Paulo: Summus, 2006.

BERGSON, Henri. **O riso** : ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2001.

BODGAN, R.C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação** - uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

JUSTO, S. José. Humor, educação e pós-modernidade. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Humor e alegria na educação**. São Paulo: Summus, 2006. P.103-125.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LULKIN, A. Sergio. **Não mostre os dentes que eles tomam conta**: aproximações da educação com o humor. Revista Presente, ano 16, n.60, Salvador, mar/mai 2008. P. 18-27.

\_\_\_\_\_. **O riso nas brechas do riso**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2007.

OLIVEIRA, Maria Lúcia de. Escola não é lugar de brincar?. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Humor e alegria na educação**. São Paulo: Summus, 2006. P. 75-102.

SARMENTO, M. Jacinto. **O estudo de caso etnográfico em educação**. Tese (doutorado) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2000.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: Costa, M. V. (org). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P.119-141.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. Ousar brincar. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Humor e alegria na educação**. São Paulo: Summus, 2006. P.57-74.

XAVIER, Maria Luisa. **Escola e mundo contemporâneo** – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. Porto Alegre: SMED, 2002.

\_\_\_\_\_. Escola e mundo contemporâneo – novos tempos, novas exigências, novas possibilidades. In: ÁVILA, Ivany Souza (Org). **Escola e sala de aula mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. P. 13-21.

Imagem inicial capturada do site [www.google.com.br](http://www.google.com.br). Acesso em 19 de nov. 2008.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – Observações na sala de aula

#### Foco: anotar os momentos de riso dos alunos

##### Primeiro dia, 17.09.08, quarta - feira

Como dei aula para a turma e estava desde julho sem vê-los, ao chegar cada um expressou um sorriso, deram abraços, beijos, a chegada provocou risos.

Neste dia não pude entrar na sala de aula porque a turma tinha atividades extras e a professora pediu que eu fosse outro dia.

##### Segundo dia, 24.09.08, quarta-feira

A maioria das crianças ri ao me encontrar, abraços e beijos.

Enquanto a professora passa a rotina no quadro, dois meninos riem em conversas paralelas.

Dois alunos olham para mim e riem, depois mais três alunos quando se deparam com o meu olhar riem também.

Alguns riem como resposta ao meu sorriso.

Outra dupla rindo (um menino e uma menina) conversando durante a entrega de uma atividade.

A. diz “*Eu tirei AT*” e sorri mostrando a nota alta

MS diz “*Ó sôra (falando comigo), errei só duas*” e ri.

J. e A. percebem que estou olhando e ri.

W. vem em direção a mim e me mostra sua avaliação e diz: “*Olha o que eu tirei*” e ri para mim. Eu o elogio e ele ri novamente.

Duas meninas riem conversando uma com a outra, ao esperar a professora na fila para explicação.

H. ri bastante falando com o colega

Um diz “*acertei quase tudo!!*” e ri e outro ri e diz “*quase tudo?*”

L. ri falando com seu colega durante a atividade.

M. diz “*me lembrei!!*” e ri, então explica para si mesmo como se dá a germinação, uma questão de sua prova.

J. ri falando com suas colegas durante a atividade de correção da avaliação.

Lu. ri ao olhar para a situação de entrevista (eu estava entrevistando um colega no fundo da sala de aula).

M. ri falando dos pontos do Grêmio.

L. diz “*cuidado o tubarão!*” E mostra uma imagem no seu caderno

Nessa situação, M. ri.

L. mostra para mim e ri.

Re. Diz que esqueceu o caderno e ri para a professora. (A professora o orienta a pegar emprestado de um colega).

K. ri respondendo ao meu sorriso.

M e L. riem brincando e conversando durante a atividade.

T. ri contando uma situação de uma velha louca que come ração de cachorro e dois cachorros que tentaram comer um cachorro vivo perto da casa dele.

C. ri e diz “*eu não acho sôra*” ( em relação a resposta da questão que não encontrava no caderno).

T. ri mostrando que finalizou a atividade.

M. faz uma brincadeira cantando o nome do colega T. e os dois riem.

L. vem pulando, rindo e celebrando porque entregou a atividade.

Um aluno fala em relação ao outro “ele tá feliz por causa da sora Gabriela” e riem.

A professora diz que se tiver bagunça ela iria alterar os grupos, nisso T. diz rindo: “*eu*” e M. ri também.

Quando a professora fala que vai fazer atividade em grupos, alguns alunos riem e começam a combinar os grupos.

A professora explica a atividade em que os grupos colocarão num lado de um papel pardo coisas que sabem sobre os animais e do outro, coisas que não sabem, então ela diz “*não vão colocar o cachorro tem pêlos né? É óbvio!*” A maioria das crianças ri.

G. olha pra mim e ri.

Muitos riem ao falar com os colegas.

Quando se organizam nos grupos, muitos riem ao conversar com os colegas.

K. e W. brincam um com o outro com um boneco e riem.

W. ri do colega que está abrindo o bolso. W. e K. se olham e ficam rindo. Depois ficam se empurrando e rindo.

W. e K. não param de rir.

R. ri

Lu diz: *“Elefante não é um animal, é um mamífero”*, alguns riem disso.

T. olha a revista e vai mostrando imagens de homens e diz: *“é um animal, outro animal”* ai chega uma imagem de uma mulher com pouca roupa e diz rindo: *“animal, é uma mulher gostosa!”*.

Três gurias rindo na hora do lanche, que é dentro da sala de aula ou no refeitório.

Um aluno ri do outro, porque ele fez cesta no lixo.

MS. Vem ao meu lado e parece tentar ler o que eu escrevi, e fica rindo.

Na porta da sala, alguns alunos rindo batendo um no outro de brincadeira.

T. coloca um olho recortado da revista em seu olho e fica fazendo careta para os colegas que riem.

*Um aluno diz: “Hoje a prof tá levando tudo a sério!”*

*“Eba que lindo”* em grupo rindo.

Um ri e diz *“bem feito”*, quando o colega passa e se bate.

Riso de conversas.

*“quê?, 1kg??* E ri do colega que está errando a atividade matemática.

Meninos rindo, a professora chama a atenção.

Uma menina reclama: *“ele começou a rir e não quer parar, sôra!”*

Risos de conversas paralelas.

Lu faz uma careta e o colega ri.

T. faz barulhos de pum com a boca e o colega ri.

“*eu to na 3*” e ri porque está adiantado no trabalho.

Prof diz: “*trabalhando e vamos parar com as gracinhas, ainda se tivesse terminado, daí tudo bem*”.

Gurias vão no lixo apontar o lápis e estão rindo.

### **Terceiro dia, 01.10.08, quarta-feira**

Risos e abraços ao me reencontrar mais uma vez, contam histórias que aconteceram (antes de entrarmos na sala de aula).

(na sala de aula) T. diz “*comprei uma cola que veio com uma coisinha de menina (e ri), daí eu arranquei a coisinha.*”

Um aluno em conversa paralela diz para o outro “*faltam 11 dias para o meu aniversário*” e ri.

R. ri e diz apontando “*ah a Ad. não quer ler nada*” se referindo a uma colega que não queria ler seu texto na frente para os colegas.

A. ri de um colega que imita o outro.

M. simula um choro brincando porque que ler sua história de novo.

G. lendo um trecho de sua história em frente aos colegas: “*e fiquei com vontade de fazer xixi*” vários colegas riem dessa parte.

“*eu queria inventar mais sôra*” ( e ri) “*só que....(e rindo, faz um sinal apontando para sua cabeça, como se tivesse faltado idéias para a história).*”

M. fala mentindo “*não li sôra*” e os colegas riem e falam: “*leu sim, leu sim, leu sim.*”

L. vai ser sua história lá na frente da turma e ri.

A professora fala : “*as batidas de palma, deu né?*” E os alunos riem disso.

Muitos risos de conversas paralelas (5 vezes observado a mesma coisa).

A professora erra no quadro, alunos riem e dizem “*então insetos têm ossos???*” (rindo).

“*Reptieis*” diz um aluno e o outro ri da forma de falar errada.

“E se tirar ele da água sôra (o girino), ele morre, coitado” os colegas riem.

O que ele retira da água? Diz a professora (em relação aos peixes).

“Oxigênio” responde um aluno e ri.

Prof diz “certo”

Outro colega fala “ $H_2O!$ ”

Os colegas riem.

Crianças copiam do quadro, R. ri quando olha pra mim.

Riso de conversas paralelas (observado 7 vezes).

Três meninos ficam brincando, conversando e rindo.

Alguém faz um pum na sala de aula e um grupo de 5 alunos tampam os narizes com os moletoms e riem.

Pergunto para um aluno se ele acabou a atividade, e ao ver que ele não tinha feito muitas coisa, ele ri pra mim sem falar nada.

R. e A. ficam se olhando e rindo um para o outro (um senta numa ponta da sala e o outro na outra).

L. rindo sozinho.

“Ah, lembrei” e ri (em relação a questão que estava respondendo).

Duas meninas riem procurando juntas, as respostas no caderno.

Risos de conversas paralelas.

Ao responder às questões sobre os animais, uma menina, que buscou a resposta em um texto disse que colocou o animal “cuja”, como se fosse um animal, a professora explica então e os colegas riem.

Alguns olham pra mim e riem.

Um aluno pergunta “sôra, traça é inseto?”

“Não, é um mamífero” (responde ironicamente a professora).

Os colegas riem da situação.

“Aquilo é um lombriga” e ri.

“A vaca é invertebrada?” (Fala um colega).

E o outro diz: “depende da vaca”

Rimos eu e os dois colegas.

**ANEXO 2 – Roteiro das entrevistas com os alunos**

- 1- Tu gostas de rir?
- 2- A gente ri na escola?
- 3- O que tu achas mais engraçado na sala de aula?
- 4- Tem alguma situação que acontece e que te faz rir durante a aula?
- 5- A professora faz atividades em que tu sentes vontade de rir?
- 6- Existem momentos em que não se pode rir? Quais são eles?
- 7- E existem momentos em que se pode rir? Quais são eles?
- 8- Tu achas que uma pessoa aprende através do riso?
- 9- Conte uma situação engraçada que aconteceu durante a aula.

## **ANEXO 3 – Entrevistas com os alunos**

### **ENTREVISTA 1 (E1)**

Entrevista realizada no dia 01.10.08 com duas alunas da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**R= aluna 1**

**C= aluna 2**

**Entrevista**

**Pesq- Oi C.**

**C - Oi**

**Pesq - Oi R.**

**Pesq – Oi**

**Pesq –** Assim, primeiro eu vou perguntar pra vocês, mas vocês vão falando e respondendo o que vocês acham.

Vocês acham que a gente ri na escola?

**As duas respondem:** Sim.

**Pesq -** Mas quando que a gente ri, quando que a gente pode rir, o que vocês acham disso, vão falando coisas que vocês pensam.

**R -**A gente ri quando alguma coisa é engraçada né?

**C- É!**

**Pesq -** Em que momentos acontecem coisas engraçadas? Qualquer coisa que vocês acham engraçado, às vezes a gente está trabalhando na sala de aula e um colega cai. Em que momentos que vocês acham que vão começar a rir?

**R- Quando** alguém diz alguma coisa engraçada dentro da sala de aula.

**Pesq -** E vocês acham que em algum momento a gente não pode rir na aula?

**C - É,** quando a professora está explicando as atividades.

**Pesq** E tem algum outro momento?

**C-** Não, acho que não né? (as duas se olham).

**Pesq** Aonde vocês mais riem na escola?

**R-** No recreio.

**Pesq** - Tem alguma atividade que a professora fez e que faz algumas vezes que vocês riem, porque se divertem?

**R-** Essas dos animais ai, que as vezes tem algumas coisas engraçadas né?

**Pesq** -Tem algumas situações que quando acontecem na sala de aula, que vocês, sempre vão rir?

**R.** Não, nem sempre a gente vai rir.

**Pesq** - Mas tem algumas situação que acontece que vocês riem?

**R-** Quando as vezes tem uns colegas da sala com as classes do lado, e fica tipo assim com o moleton na frente do nariz (risos) porque alguém soltou um pum. (as duas riem)

**Pesq** -Tem alguma situação que vocês lembram, que querem contar, que foi muito engraçada e fizeram vocês rir?

**R** – Quando eu tava passando ali, (aponta para o lugar) e escorreguei e cai no chão, todo mundo riu, e eu também ri. (risos).

## ENTREVISTA 2 (E2)

Entrevista realizada no dia 10.10.08 com uma aluna da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**Ad = aluna**

**Essa entrevista realizada com uma platéia de alunos em volta que se divertiam com a situação.**

**Pesq – Ad, tudo bem?**

**Ad.- Tudo.**

**Pesq – Tu achas que a gente ri na escola?**

**Ad.- Pode, nos momentos engraçados e na hora do lanche e do recreio, na sala de aula que não.**

**Pesq – Na sala de aula não?**

**Ad. – Algumas vezes quando a sôra ta conversando, a gente pode rir um pouquinho.**

**Pesq – Quando que tu ri dentro da sala de aula?**

**Ad - Bah, eu rio quase sempre!**

**Pesq – Por que tu ri? O que acontece que ti faz rir?**

**Ad.- As brincadeiras do Ma, do H, do Lu.**

**Pesq – Que brincadeiras são?**

**Ad.- Ai sora, muitas coisa!**

**Pesq – Não, que brincadeiras que eles fazem pra ti divertir?**

**Ad.- Umas perguntas ai.**

**Pesq – Tipo pegadinha?**

**Ad.-** É, algumas coisas ai. Tipo o Lu. (Neste momento o Lu, houve que a colega está falando dele e diz que vai dar uma vassourada nela, vai até a vassoura e finge que vai pegar, todos estão rindo da situação.) Tipo isso ó sôra, essas coisas que ele faz.

**Pesq –** Tipo isso que ele está fazendo agora?

**Ad.-** È (rindo bastante, com os colegas junto).

**Pesq –**Ah, agora entendi.  
Tá e em que momentos não pode rir?

**Ad.-** Quando a sôra ta explicando e quando ela ta fazendo avaliação e quando a gente ta fazendo trabalho.

### ENTREVISTA 3 (E3)

Entrevista realizada no dia 01.10.08 com uma aluna da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**A= aluna**

**Pesq** – Eu estava conversando com as gurias sobre a questão de rir, se divertir, então, começando, quando que tu acha que a gente ri dentro da escola?

**A** – Como assim?

**Pesq** – Em que momentos que tu ri na escola? Quando tu acha que tu mais ri? E que momentos te provocam divertimento?

**A** - Eu acho quando que é quando a professora faz palhaçada na sala de aula com o T e o R.

**Pesq** – Daí tu ri bastante então, e como é essa palhaçada?

**A-** O R começa a chorar daí ela diz que ele parece um bebezinho, que ele tem que ir lá pro Jardim, ai o R. começa a dar risada e todo mundo dá risada junto por causa do R. que começa a chorar. Ai o T, que, ontem ele derramou tomate na mesa dele, ai a sora disse que parecia um neném comendo.

**Pesq** – Daí todo mundo riu?

**A-** Aham.

**Pesq** – Em que momentos que não pode rir na sala de aula?

**A-**No momento que a sôra ta explicando alguma coisa e quando um outro ta fazendo uma palhaçada.

**Pesq** – E tem alguma atividade de aula que a professora faz que tu aches legal, que tu ri e que ti provoca o riso?

**A-** Olha sôra, ela quase não traz atividade, essas coisas assim, ela dá fração, agora a gente ta estudando sobre os animais, sobre as plantas, ai ela quase não costuma trazer atividades pra gente fazer.

**Pesq** – Mas assim, tu diz atividades diferentes?

**A-** É, isso.

**Pesq** – Mas tu não lembra de nenhuma que quando ela fez, te fez rir?

**A-** Não lembro.

**Pesq** – A escola é um espaço para rir?

**A-** Quando precisa, a gente ri né, mas a escola não é um lugar de rir.

**Pesq** – Tem alguma situação que tu acha que acontece dentro da sala de aula, que se acontece tu sabe que sempre vão rir, ou tu vai rir?

**A-** Quando o H. imita o R.

**Pesq** – Daí todo mundo vai rir?

**A-** Aham.

### ENTREVISTA 4 (E4)

Entrevista realizada no dia 24.09.08 com um aluno da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**M = aluno**

**Pesq** – Tu acha que a gente ri na escola?

**M** - Ah, eu acho que dá pra rir né sôra?

**Pesq** – Em que momentos tu acha que a gente ri?

**M** - A gente pode rir no recreio, no lanche.

**Pesq** – E dentro da sala de aula?

**M** – Se a gente acabou tudo e o outro colega também, a gente pode, acho que sim.

**Pesq** – Tem alguma situação que acontece durante a aula e que te faz rir durante a aula?

**M** – É, às vezes dá uma briguinha, às vezes a gente para de estudar, até eu né e converso um pouco com os outros, dai a gente se atrasa.

**Pesq** – E isso te faz rir?

**M** – Ah, as vezes quando a gente começa o trabalho e começa a dá uma espiada e começa a rir.

**Pesq** – E tu acha que tem alguma atividade que a professora faz e que faz tu rir também? Eu digo assim, atividades enquanto tu está fazendo o trabalho, então quais atividades que a professora faz que tu ri, que ti diverte?

**M** – Que eu gosto?

**Pesq** – É, e que te faz rir, sabe quando uma coisa faz rir quando a gente olha e sente vontade de rir.

**M** – Quando ela joga bingo, às vezes ela faz uma atividade com a gente que ela faz uma roda assim, daí ela começa a fazer umas perguntinhas pra gente, é legal também.

**Neste momento a pesquisadora bateu com o braço no armário, sem querer, e os dois começaram a rir.**

**Pesq** – Oh, isso faz rir.

**M** - Às vezes eu também bato aqui.

**Pesq** – E daí tu ri?

**M** - Aham

**Pesq** – Sim, são situações engraçadas né? E tu acha que tem momentos dentro da aula que não pode rir?

**M** - Por exemplo, quando a gente ta fazendo uma prova, ai tem que se concentrar bastante né? Não pode levar que nem uma brincadeira, por causa que é uma prova né?

**Pesq** – Tem alguma situação que tu queira contar de uma coisa que foi muito engraçada na aula e tu começou a rir?

**M** - Às vezes o L. começa a fazer careta pra mim. E um dia a A. disse assim: “*o Sôra como é a conta mesmo?*” Daí a sôra disse: “*é demais Adrélie, isso é demais*”. Daí o Luca disse “*ah sôra é de mais, eu pensei que fosse de menos*”.

**Pesq** – Daí todo mundo riu?

**M** -Aham, as vezes também quando um colega vai sentar na cadeira e não olha a cadeira que ta afastada, daí vai sentar e cai de bunda no chão.

### ENTREVISTA 5 (E5)

Entrevista realizada no dia 10.10.08 com um aluno da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**T = aluno**

**Pesq** – Assim, eu vou te fazer umas perguntinhas e tu diz o que tu acha, o que tu pensa ta? Primeiro, tu acha que a gente ri dentro da escola?

T- Sim

**Pesq** – Ta, mas em que momentos?

T- No recreio, na educação física.

**Pesq** – E dentro da sala de aula, quando tu acha que a gente ri?

T- Ah, quando a sôra faz uma coisa engraçada.

**Pesq** – E, que coisa que é engraçada que ela faz? Tu lembra de alguma assim?

T- Não.

**Pesq** – Tem algumas atividades que a prof já fez que te fez rir? Que tu lembra?

T- Não.

**Pesq** – E quando que não pode rir?

T- Quando a sôra tá falando.

**Pesq** – Tem alguma situação que acontece na sala de e tu sempre acha engraçado?

T- Quando eles fica brincando e aponta para os colegas. (Neste momento tem dois colegas que ficam passando em volta de nós e fazendo gracinha)

**Pesq** - Mas as vezes estamos no momento na sala de aula, todo mundo trabalhando e acontece uma coisa e todo mundo vai rir. O que seria?

T- Quando alguém faz uma graça, de começar a fazer careta, brincar de palhaço.

**Pesq** -A escola é lugar de rir?

T- Não.

## ENTREVISTA 6 (E6)

Entrevista realizada no dia 01.10.08 com uma aluno da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**L= aluno**

**Pesq** – Vo te fazer umas perguntas e tu responde tudo o que tu acha. Primeiro assim, que eu já perguntei pros teus colegas também: quando que tu acha que a gente pode rir na escola?

**L-** Ah, quando falam alguma coisa engraçada, sabe? Assim, daí a gente dá uma risadinha, eu sempre tento controlar, as coisas engraçadas.

**Pesq** – Isso acontece quando? No recreio, no lanche, na sala de aula?

**L -** Acontece em todo lugar, sempre acontece.

**Pesq** – E tu acha que a gente pode rir dentro da sala de aula?

**L-** Acho que sim né? Não tanto porque senão incomoda a aula.

**Pesq** – Tem algumas situações que tu acha que se elas acontecerem sempre vão rir?

**L-** Sempre?

**Pesq** – Assim, uma situação que acontece, que tu tem certeza que tu vai rir ou a turma vai rir.

**L-**Por exemplo, eu faço umas caras engraçadas com o M. eu faço uma cara e engraçada, quando eu mesmo faço e começo a rir junto e ele também ri.

Esta entrevista acabou aqui, porque a professora tinha se ausentado da sala de aula, para ver uns assuntos e os alunos começaram a querer conversar demais e fazer barulho. O L. já tinha acabado suas atividades, então puxei ele pro cantinho da sala, mas precisei interromper para acalmar a turma.

## ENTREVISTA 7 (E7)

Entrevista realizada no dia 10.10.08 com um aluno da turma onde realizei minha prática docente.

**Pesq = pesquisadora**

**D = aluno**

**Essa entrevista foi realizada com uma platéia de alunos em volta que se divertiam.**

**Pesq** – Assim ó, agora tem uma platéia é? Mas vo conversar com o D. agora ta? Primeira pergunta, tu acha que a gente ri na escola?

**D.-** Uhum! Sim.

**Pesq** – Em que momentos tua acha que a gente ri?

**D.-** No recreio, aqui na aula, também (hmm), quando alguém faz alguma coisa engraçada.

**Pesq** – Aqui na aula, quando alguém faz alguma coisa engraçada, como é isso? Que coisa engraçada? O que a pessoa faz pra ser engraçado?

**D. –** Tipo, o Lu. fica me batendo e rindo de mim, daí eu fico brabo com ele, e rio também, não sei porquê.

**Pesq** – Em que momentos não pode rir?

**D. –** Quando a sôra ta falando e também quando tem um momento importante....

**Pesq** –O que acontece é um momento importante?

**D.-** Tipo quando (uma colega sopra no ouvido de D.) quando a gente ta fazendo avaliação.

**Pesq** – Tu acha a sala de aula é lugar de rir e se divertir?

**D.-** Não, não muito!

**Pesq** – Por quê?

**D.-** Porque a professora não gosta e não é bom ficar brincando assim e perambulando por toda a sala.

**Pesq –** Ta, e tem alguma atividade que a prof faz que tu ri e ti diverte?

**D.-** Ah sôra não quero dizer!

**Pesq –** Ah, fala qualquer atividade que tem que tu ti diverte.

**D.-** Dos animais, sôra!

**Pesq –** Tem alguma situação que acontece enquanto tu estás trabalhando na sala de aula e tu ri?

**D. –** Hmmm.

**Pesq –** Tipo assim, tu ta trabalhando bem feliz, tranqüilo e quietinho, e acontece uma situação, o que será?

**D. –**Ah sora, não sei (Nessa hora já tinha um monte de colegas em cima da gente querendo falar também.

**Pesq –** Então ta, obrigada D.

## ANEXO 4 – Tira sobre o riso



Retirada da **Revista Presente**, ano 16, n.60, Salvador, mar/mai 2008. P. 78.

## ANEXO 4 – Termo de Consentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃOPorto Alegre, 11 de Setembro de 2008.

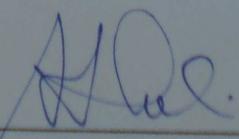
SENHORA/A DIRETORA/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o  
Gabriela Usovicius Maia da Silva, regularmente ma-  
triculada/o no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

  
\_\_\_\_\_  
**Sergio Andrés Lulkin**  
Professor/ Orientador do TCC